

Tânia Andrade Saraiva



O Mosteiro de S. Jorge

Volume I

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
2000

Índice	p. 1
Introdução	p. 2
Capítulo I	p. 5
A Regra de Santo Agostinho	
Os Cónegos Regrantes	
Capítulo II	p. 16
Da fundação à extinção: sete séculos de história	
Capítulo III	p. 26
Um olhar sobre a “cidade de Deus”	
Conclusão	p. 68
Documentos Anexos.....	p. 70
Bibliografia.....	p. 81

Introdução

O presente trabalho insere-se no âmbito do seminário em História da Arte – “Arte Monástica em Portugal – séculos XVI-XIX”, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Estudar o Mosteiro de S. Jorge *apar de Coimbra* foi desde imediato uma tarefa que fizemos com grande satisfação. Escolher um tema nem sempre é fácil, principalmente para alguém que nasceu e vive em Coimbra e que, naturalmente, pretenderia fazer uma investigação relacionada com essa cidade.

O Mosteiro de S. Jorge, situado longe do aglomerado urbano, onde os monges repartiram o seu tempo entre a contemplação e o trabalho, foi vítima das vicissitudes do tempo e da incúria ao longo das últimas décadas. De uma instituição monástica importante e das mais antigas da cidade, que sofreu as *depressões* históricas do Portugal Moderno e Contemporâneo, tornou-se propriedade privada à data da extinção das ordens religiosas. Todavia, continua a ser uma referência, encerrando entre as suas paredes uma história de sete séculos ligada aos cônegos regrantas de Santo Agostinho, ao Mosteiro de Santa Cruz e à própria identificação da nossa nacionalidade.

Afastado do olhar conimbricense, o Mosteiro caiu no limbo da memória daquela cidade universitária que hoje o acolhe recuperado física e simbolicamente.

Cativados de imediato pela envolvimento e pelo edifício onde a vida se escoava em ritmos e pulsações diversas do espaço urbano, pretendemos de algum modo, e mormente ao nível da história da arte, contribuir para o estudo deste Mosteiro.

Os estudos preparatórios que entretanto fizemos deram-nos logo a visão clara do mundo ignoto em que nos estávamos a embrenhar, e um progressivo fascínio em desvendar esse universo desconhecido.

Realizámos buscas arquivísticas e bibliográficas em várias instituições nacionais, deparando por vezes com barreiras que nos ultrapassam, mas que nos permitiram ter um ponto de partida para uma análise mais específica.

São quase inexistentes os estudos sobre esta casa religiosa. Encontrámos pensamentos dispersos, heterogéneos e dúbios; informações contraditórias e incorrectas, que tentaremos ordenar e completar com o nosso próprio contributo.

Foi com grande pena que verificámos a quase inexistência de documentação relativamente ao conjunto monumental em concreto. Mas, existindo a obra em si, não desmotivámos: ela traduz uma realidade indissociável de um contexto histórico, cultural e religioso, no qual, sempre que for pertinente e possível, tentaremos enquadrar o objecto artístico.

Perante o estudado, relacionado e entendido, delineámos o plano de trabalho.

Primeiramente um capítulo dedicado à *Regra* de St.º Agostinho e à sua repercussão nas comunidades cenobíticas. Importa relacionar o contexto internacional e a introdução dos Cónegos Regrantes em Portugal, passando necessariamente por Santa Cruz.

Estudar a parte artística de um determinado mosteiro implica necessariamente uma prévia caracterização institucional, focando os mais relevantes aspectos históricos. O segundo capítulo aborda portanto a história do Mosteiro, desde o nascimento da comunidade religiosa até aos nossos dias, onde à lenda se opõe a verdade histórica que nos compete.

O terceiro e último capítulo contempla *um olhar sobre a “Cidade de Deus”*, entendido este olhar como atitude interpretativa e uma assunção das diversas manifestações artísticas que o Mosteiro oferece àquele que o visita.

Por fim, uma palavra de agradecimento a todos aqueles que de algum modo contribuíram para que este projecto se concretizasse. Ao nosso orientador, Professor Doutor Nelson Correia Borges, a quem devemos o impulso científico e o entusiasmo para iniciar e desenvolver esta tarefa. A todos, penso que a melhor forma de agradecer será prosseguir com denodo, tentando fazer sempre mais e melhor.

Conclusão

Percorremos um espaço que foi marcado por histórias passadas, imprimindo-lhe um rosto que o individualiza.

Afastado da vida citadina, o Mosteiro de S. Jorge gozou secularmente da harmonia do local, onde se erigiu e cresceu como instituição religiosa, pertencente à Congregação de Santa Cruz.

O seu *mundus* regia-se por ritmos bem diferentes da vida temporal, da que se resguardava e se excluía, encerrando o seu espaço - a “cidade celestial” - atrás das grades e da solidez dos muros.

Mas se o Mosteiro de S. Jorge foi uma Casa que contou com o apoio régio, e que acompanhou as várias etapas de reformas nos diversos mosteiros da Congregação, nele não existiu um furor artístico. Aqui não encontramos aquelas obras de arte que nos revelam períodos de grande prosperidade e mecenatismo como em tantas outras casas religiosas espalhadas pelo país. As soluções revelam grande singeleza de formas, conseguindo alcançar elegantes efeitos plásticos, como acontece no claustro e na igreja.

Encontrámos, embrenhado no tempo, o rol de extinção do Mosteiro, ou melhor, da Quinta de S. Jorge. Era outro o olhar com que o liberalismo admirava o Mosteiro, que deixava de interessar como um espaço vinculado a uma *Regra* e a um caminho espiritual, para ser apenas contemplado como uma propriedade rural, onde a arte se excluía das enumerações consideradas necessárias. Pois “*não há a admirar nelle as bellezas, nem a majestade da architectura; não se encontram ahi as difficuldades da arte, nem os caprichos da imaginação. Os frades levantaram um colosso no deserto que sobrevivesse a uma infinidade de gerações, sem lhes importar com as dilicadezas da arte.*”

Se o Homem é o artista plasmador da sua própria essência, então o Mosteiro de S. Jorge oferece-se hoje como um palimpsesto de épocas e esquecimentos.

Documentos Anexos

Documento 1

1839, 3 Março, Coimbra – Relato da fundação do *Mosteiro de São Jorge de apar de Coimbra*, pertencente ao *Ex.mo Senhor José da Silva Carvalho*, realizado pelo Secretário Geral do Distrito de Coimbra, António José Santa Rita.

Documento 2

1523, 8 Fevereiro, Coimbra – *Auto de Vista e avaliação que se fez da obra que aa mester se fazer no mosteiro de S. Jorge.*

I.A.N./T.T. – Corpo Chronologico, parte 1ª, maço 29, documento 16 (microfilmado).

Documento 3

1942, 3 de Fevereiro – *Parecer acerca dos azulejos* do Mosteiro de S. Jorge realizado por Vergílio Correia

Bibliografia

Fontes Manuscritas

I.A.N./T.T. – Mosteiro de São Jorge, Documentos Régios, Maço 1 (1191-1363)

I.A.N./T.T. – Mosteiro de São Jorge, Documentos Particulares, Maços 1 a 13 (1102-1588)

I.A.N./T.T. – Corpo Chronologico, Parte 1ª, Maço 29, Documento 16

I.A.N./T.T. – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, caixa 2207

Biblioteca Nacional – Mosteiro de São Jorge (documentação)

Publicações Periódicas

Mundo Ilustrado, pp. 232-235

O Instituto. Jornal Scientifico e Litterario, vol. I, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1853.

Diário “As Beiras”, 15 Dezembro de 1997

Fontes Impressas e Bibliografia

ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*, volume III, Coimbra, Imprensa Académica, 1910.

BARROS, Frei Brás de – *Regra do Nosso Padre Sancto Agostinho Bispo*, em *Livro das Constituições, e costumes que se guardã em os Moesteyros da Congregaçam de Sancta Cruz*, Coimbra, 1534.

BORGES, Nelson Correia – *História da Arte em Portugal. Do Barroco ao Rococó*, vol. IX, Publicações Alfa, 1986.

BORGES, Nelson Correia – *Coimbra e Região*, Lisboa, Presença, 1987.

BORGES, Nelson Correia – *Arquitectura Monástica Portuguesa na Época Moderna (Notas de uma investigação)*, sep. Da Revista Museu, IV série, n.º 7, 1998.

BRAUFELS, Wolfgang – *La Arquitectura Monacal en Occidente*, Barcelona, Barral Editores, 1975.

CASTRO, Augusto Mendes Simões de – *Guia Histórico do Viajante em Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867.

COELHO, Maria Helena da Cruz – “Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra”, sep. Actas do Congresso Internacional *Pensamento e Testemunho. VIII Centenário do Nascimento de Santo António*, vol. I, 1996.

CORREIA, Vergílio e GONÇALVES, António Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1952.

Dicionário da Arte Barroca em Portugal, dir. José Fernandes Pereira, coord. Paulo Pereira, Lisboa, Presença, 1989.

Dicionário da História de Portugal, dir. Joel Serrão, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1979.

DUBY, Georges – *O Tempo das Catedrais. A Arte a sociedade 980-1420*, Lisboa, Estampa, 1993.

ERCARNAÇÃO, Tomás da – *Historia Ecclesiae Lusitanae*, Coimbra, 1762.

FIGUEIREDO, A. C. Borges de – *Coimbra Antiga e Moderna*, Lisboa, 1886.

GERHARDS, Agnès – *Dictionnaire Historiques des Ordres Religieux* (prefácio de Jacques Le Goff), Paris, Fayard, 1998.

História da Filosofia, dir. François Châtelet, Círculo de Leitores, 1986.

KUBLER, George – *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706*, Lisboa, Veja, s.d.

LOUREIRO, José Pinto – *Coimbra no Passado, IX Centenário da Reconquista Cristã de Coimbra*, 1964.

MACHADO, Ana Goulão – “A Produção de Azulejos na Fábrica da Telha Vidrada ao Tempo da Reforma Pombalina”, em *Actas do Colóquio A Universidade e a Arte. 1290-1990*, Subsídios para a História da Arte Portuguesa, Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

MACHADO, José Alberto Gomes – *André Gonçalves. Pintura do Barroco Português*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995.

MARROU, Henri – *Saint Augustin et l'augustinisme*, Paris, Éditions du Seuil, 1956.

MARTINS, Armando – *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Séculos XII-XV. História e Instituição*, dissertação de doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996.

MÁRTIRES, Timóteo dos – *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, edição Biblioteca Municipal, 1955-60.

MECO, José – *Azulejaria Portuguesa*, colecção Património Português, Bertrand Editora, 1985.

MECO, José – *O Azulejo em Portugal*, Publicações Alfa, 1986.

MOURA, Carlos – *História da Arte em Portugal. O Limiar do Barroco*, vol. VIII, Publicações Alfa, 1986.

PAMPLONA, Fernando de – *Dicionário de Pintores e Escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*, Barcelos, Civilização, 1987.

PERGUEROLES, Juan – *El pensamiento filosófico de San Agustín*, editorial Labor, Barcelona, 1972.

PINHO LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1875.

Obras de San Agustín, Biblioteca de los Autores Cristianos, Madrid, editorial Católica, 1969-1988.

RÉAU, Louis – *Iconographie de l’Art Chrétien*, Paris, Presses Universitaires de France, 1958.

REVILLA, Federico – *Diccionario de Iconografía y Simbología*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1995.

SANTA MARIA, Frei Nicolau de – *Chronica dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, Lisboa, Officina Joam da Costa, 1668.

SANTOS, Reinaldo dos – *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional de Publicidade, s.d.

SERRÃO, Vitor – *História da Arte em Portugal. O Maneirismo*, vol. VII, Publicações Alfa, 1986.

SILVA, Ilídio Jorge Costa Pereira – *A Significação dos Espaços Privados nas Comunidades Cenobíticas: os Cónegos Regrantes de St.º Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra entre 1527 e 1640 e até 1834*, tese de mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras do Porto, 1998.

SIMÕES, J. M, dos Santos e OLIVEIRA, Emílio Guerra de – *Azulejaria em Portugal no século XVII*, tomo I – Tipologia, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

SIMÕES, J. M. dos Santos – *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

SMITH, Robert – *A Talha em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, s.d.

SOUSA VITERBO – *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1988.

TAVARES, Jorge Campos – *Dicionário de Santos*, Lello e irmãos editores, Porto, 1990.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa – *Elucidário*, edição crítica por Mário Fiúza, Porto, Livraria Civilização, 1984.